

Os chineses, a Europa e nós - uma leitura de Jorge Luis Borges e João Guimarães Rosa

Terezinha Maria Scher Pereira*

Abstract

Jorge Luis Borges and João Guimarães Rosa treat in different ways the cultural identity issue in their literary works. The Brazilian writer, in his short story, *Orientação*, takes the Illustration legacy as an important resource to compose our national cultural life. Borges, on his side, in "*El jardín de los senderos que se bifurcan*" relativizes the ethnocentric bias present in the European history.

As nações todas são mysterios.
Cada uma é todo o mundo a sós.
Fernando Pessoa

Eu era outro, sendo eu mesmo.
Alfonso Reyes

Tudo cabe no globo.
Guimarães Rosa

Borges e Guimarães Rosa têm em comum o fato de, por caminhos diversos, evocarem sempre o mundo, mesmo quando se referem claramente à Argentina e ao Brasil, respectivamente.

O fato chegou a gerar críticas como a de Mario Benedetti que distingue um Borges muito mais europeu do que argentino, segundo o que se lê no seguinte fragmento:

* UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

*Não seria justo omitir aqui que Borges faz esporádicas referências à sua comarca, mas a verdade é que tais referências só aparecem como pretextos. Cada uma de suas personagens argentinas é de modo geral (para dizê-lo numa das línguas que Borges mais estima) *the wrong man in the wrong place*, já que foi pensado com um olhar (e o que é mais decisivo: com uma sensibilidade) europeu¹.*

Guimarães Rosa também não escapou à acusação de “universalista”, embora outros críticos, como Antonio Candido², vissem no seu sertão e jagunço, além dos traços locais, as ressonâncias do complexo mundo moderno, que o Brasil integra, ainda que de maneira problemática.

Ocorre que esses dois escritores de paisagens e labirintos, sendas e sertões aparentemente tão diversos, decidiram, em momentos específicos, tratar do problema da alteridade através de personagens chineses.

Estamos nos referindo, no caso de Borges, a “El jardín de los senderos que se bifurcan” (*Ficciones*, 1941) e ao conto “Orientação” (*Tutaméia*, 1967) de Guimarães Rosa.

Observemos o roteiro dos dois contos. Em “El jardín de los senderos que se bifurcan”, a narrativa começa por um narrador impessoal que logo se reporta à voz do personagem central, Yu Tsun, que, a partir de então, não mais abandona o relato.

Inicialmente, o que chama a atenção é o fato de um chinês (Yu Tsun) estar a serviço da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, espionando na Inglaterra. Perseguido pelo agente irlandês Madden, Yu Tsun, que receia ser pego (seu colega já fora exterminado pelo mesmo Madden), tem pouco tempo para fazer chegar a seu chefe alemão o segredo recém-descoberto por ele: o nome da cidade onde funcionaria o novo parque de artilharia britânico.

Mesmo sem ter simpatia ideológica pela causa alemã, mas querendo obstinadamente cumprir sua missão, Yu Tsun arquiteta um plano que consiste em procurar, ao acaso na lista telefônica, uma pessoa cujo nome coincida com o da cidade a ser revelada. De posse do nome, o chinês mataria a pessoa, esperando com isso que a repercussão pelos jornais do crime “sem sentido” ligado a si denunciaria, aos interessados, o seu segredo.

¹ BENED ETTI, M. (1972) p. 376

² CANDIDO, A. (1977) p. 36

O que Yu Tsun não esperava é que sua vítima fosse um inglês sinólogo, capaz de revelar a ele a história de seu antepassado Ts'ui Pên, que um dia desejara construir um labirinto e escrever um livro.

Os descendentes do chinês, incluindo o próprio Yu Tsun, sempre pensaram que as tarefas tivessem malogrado e, ainda, que fossem coisas distintas entre si, mas, conforme explicita o sinólogo, elas são um mesmo projeto, isto é, o livro é o próprio labirinto:

*Un laberinto de símbolos (...)
un invisible laberinto de tiempo.
A mi, bárbaro inglés, me ha sido
deparado revelar ese misterio
diáfano. (...) Ts' ui Pên diría
una vez: Me retiro a construir un laberinto.
Todos imaginaron dos obras; nadie pensó que libro y
laberinto eran un solo objeto³.*

Um dos propósitos de Borges neste conto - central em sua obra - foi o de apontar para as bifurcações temporais também contidas nas construções labirínticas. Em cada bifurcação é possível ler uma história diferente. A história que tem como pano de fundo a Primeira Guerra Mundial (a do chinês e a do sinólogo inglês) termina com o espião Yu Tsun atirando em Stephen Albert. Albert é o nome da cidade que era segredo de guerra. Em outras bifurcações, o desfecho poderia ser outro. No entanto, Albert presente qual futuro (bifurcação) será acionado para que se conte a história daquela guerra, da violência, da intolerância racial; em outras palavras, aquilo que poderíamos chamar a História da Europa.

É, de fato, a História da Europa que é contada como história nº 1, para adotarmos a concepção de Ricardo Piglia, segundo a qual: "um conto sempre conta duas histórias".⁴

Na História da Europa, de acordo com uma das perspectivas do conto, cabem as guerras, a ação colonizadora européia e a visão depreciativa do não-europeu. Tudo isso faz com que o chinês Yu Tsun precise provar a um povo que o

³ BORGES, J.L. (1974), p. 477

⁴ PIGLIA, R. (1994) p. 39

O narrador insere na sua narrativa outros textos que se fundam no saber do senso-comum. Por exemplo, o que um ocidental latino-americano, do interior rural saberia sobre a China? De maneira estereotipada, chegam as informações: a pólvora foi inventada por chineses; o dragão povoa o imaginário quando se pensa na China. O narrador recolhe estes textos e os intercala ao seu.

Quando quer aludir à sabedoria de Quim, evoca a história da pólvora: "...sua pólvora bem inventada"; quando quer registrar o fracasso amoroso do personagem usa a imagem do "dragão desengendrado".

Mas já que esta é uma estória de amor, Yao Tsing se apaixona por Rita Rola ou Lolalita (na sua pronúncia possível). Rita era pobre e totalmente fora dos padrões estéticos capazes, convencionalmente, de provocar uma paixão: "Feia de se ter pena de seu espelho". Mas o amor que poderia pertencer "a outra espécie de fenômenos" tenta reunir os dois seres tão diferentes entre si.

Quim e Lolalita tentam se amar, mas existe entre eles e na vida em geral uma "intraduzibilidade" que impede a comunicação amorosa. Nesse ponto ocorre a separação. Yao Tsing vai embora, sem nada dizer, e o narrador se pergunta: "falar, qualquer palavra que seja, é uma brutalidade?"

Aí começa a outra história, a da transformação de Rita que, sozinha, lamenta a ausência do amado e o fato de não ter tido um filho. Além disso ela passa a se interessar pela China e a incorporar gestos e suavidades no comportamento:

*"Outr'algo recebera, porém, tico e mico: como gorgulho no grão, grão de fermento, fino de bússola, um mecanismo de consciência ou cócega. Andava agora a Lolalita com passo enfeitadinho, emendado, reto proprinhos pé e pé."*⁶

É hora de comparar as duas "invenções de alteridades", a de Borges e a de Guimarães Rosa. É necessário precisar detidamente o papel assumido pela Europa na triangulação "chineses, Europa e nós".

Inventar os chineses Yu Tsun e Yao Tsing foi a forma que os dois escritores latino-americanos escolheram para dramatizar o *outro*, certamente projetando nesse empreendimento a própria sensação de alteridade em relação a determinados padrões culturais.

⁶ ROSA, J.G. (1994) p. 633

⁷ PAZ, O. (1994) p. 119

Octávio Paz que analisa muito bem a situação latino-americana em relação à cultura européia afirma:

Desde o século XVIII os europeus se examinaram sem parar e se julgam. Esse desmedido interesse por eles próprios não é simples narcisismo: é angústia diante da morte. (...) A consciência histórica nasceu com o Ocidente e quem diz história diz consciência da morte.⁹

Em Borges é clara a referência à Europa da Guerra, da morte e do preconceito. O descentramento da História da Europa que passa a ser um dos relatos (bifurcações) do labirinto desautoriza a consagração da História Oficial do Ocidente como História Universal. Em Borges ainda vemos que a crítica à racionalização tanática da cultura ocidental tem como contrapartida o mundo dos textos, dos espelhos e das ficções múltiplas. A convicção de que tudo é ficção não permite que uma única versão dos fatos "se torne" natural e a História da Europa tem, portanto, que ser tomada como uma das bifurcações labirínticas.

Já em Guimarães Rosa há uma herança a preservar. A crença iluminista que enfatiza o binômio "ensinar/aprender" é valorizada, já que existe a convicção de que o contacto entre culturas diferentes sempre pode acrescentar algo à humanidade. O escritor mineiro parece ainda cultivar uma causa humanística que se situa, em última instância, em uma espécie de crença na redenção do homem.

Seja através da construção de reflexos especulares em Borges, seja por meio de um redimensionamento ético-estético em Guimarães Rosa, a história da alteridade foi novamente contada no cenário da literatura latino-americana.

Referências Bibliográficas

1. BENEDETTI, M. et al. *América Latina em sua Literatura*. Org. César Fernandes Moreno. Trad. Luis João Gaio. Col. Estudos. São Paulo, Perspectiva, 1972
2. BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires, Emecé Editores, 1974.
3. CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades. 2ª edição, 1977
4. PAZ, Octavio. *A dupla chama do amor*. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo, Siciliano, 1994.

5. PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely V. Baptista. São Paulo, Iluminuras, 1994.
6. RONAI, Paulo et al. *Guimarães Rosa*. Col. Fortuna crítica. Org. Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro/Pró-memória/INL/Civilização Brasileira, 1983.
7. ROSA, João Guimarães. *Tutaméia* - terceiras estórias. 4ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
8. SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo. Companhia das Letras. 1996.